

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Acúrcio Correia da Silva
Dor e Luz



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Acúrcio Correia da Silva

Dor e Luz

Ortografia atualizada por Iba Mendes

Publicado originalmente em 1912.

**Acúrcio Correia da Silva
(1889 – 1925)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 455



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Acúrcio Correia da Silva: *“Dor e Luz”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Padre Acúrcio, era o nome porque mais foi conhecido.

Nasceu no lugar do Cercal, Concelho de Oliveira do Bairro, a 22 de Outubro de 1889.

Entrou para o Seminário de Coimbra em 1904, tendo sido ordenado Sacerdote em 1912 e rezado a primeira missa em 24 de Novembro do mesmo ano. Paroquiou em Sangalhos e Amoreira da Gândara, tendo sido anteriormente capelão no lugar do Cercal e Vila Verde (Oliveira do Bairro), e na Gesta (Oiã).

Foi um orador por excelência, pelo que percorreu toda a região nessa missão. Autor de grande número de peças infantis, crônica social, crônica política, artigos religiosos e escreveu as lendas de Oliveira do Bairro. Foi ensaiador de teatro infantil.

Embora a sua participação intensa na imprensa da época, a maioria da sua obra encontra-se inédita. Foi um dos fundadores da Plêiade Bairradina.

Fundou com outros dois jornais manuscritos que existiram em Oliveira do Bairro "O Azeitona", de que só conhecemos um exemplar o nº 9, publicado em 26 de Setembro de 1908 e "Moscardos", intitulado de "revista Literária", cujo primeiro numero saiu em 16 de Março de 1913 e o ultimo o nº 6 em 27 de Abril de 1913. Em 1919, participa na fundação do jornal "Gente Nova" em Oliveira do Bairro, saindo o primeiro número a 22 de Março e o ultimo o nº 36 a 14 de Fevereiro de 1920, jornal este que era o órgão oficial da "Plêiade Bairradina", embora no primeiro número tal não vem mencionado, como sucede depois em números posteriores, mas era um dos objetivos deste grupo cultural.

Dos seus trabalhos poéticos, muitos foram musicados de entre eles encontram-se poemas destinados a ser recitados por crianças e poemas para atos religiosos. É na obra inédita que vamos encontrar, antologias, pensamentos, escritos filosóficos, curiosidades linguísticas e curiosidades humorísticas entre outros.

Faleceu em Sangalhos a 25 de Março de 1925. Após o seu falecimento e em sua memória foi publicado em 1959, o livro "In Memória - Antologia".

Referência bibliográfica:

Museu S. Pedro da Palhoça - www.museusaopedro.org

ÍNDICE

CARTA AOS MEUS CONDÍSCÍPULOS.....	2
DEDICATÓRIA.....	8
I - TARDES.....	10
II - AOS ANJOS DA POESIA!... ..	11
III - JORNADA TRÁGICA.....	12
IV- OS MISERÁVEIS.....	12
V - OS REBELADOS.....	14
VI - CAVADORES.....	14
VII - OS MENDIGOS.....	17
VIII - OS POETAS.....	19
IX - O TUBERCULOSO.....	19
X - ORFÃOZINHOS.....	21
XI - NOIVOS.....	21
XII - O BOÊMIO.....	22
XIII - NOIVA MORTA... ..	22
XIV - O DOIDO.....	26
XV - OS FILÓSOFOS.....	28
XVI - FIGURAS ANTIGAS.....	30
XVII - EVOCAÇÕES... ..	31
XVIII - AO PÉ DA LUZ.....	33
XIX - ORAÇÃO.....	36
XX - EM PAZ... ..	37

DOR E LUZ

VERSOS DUM SEMINARISTA

MEU PAI,

MINHA MÃE...

Pedindo-vos a benção, comovidamente, com lágrimas nos olhos, ofereço-vos este livrinho — o meu primeiro livro...

ACURCIO

CARTA AOS MEUS CONDÍSCÍPULOS

Maio de 1912

Rapazes,

Estes versos, que agora vos ofereço, repousam há cinco meses, no fundo da minha gaveta, misturados com muitos outros, que eu de há muito para lá venho lançando, como farrapos do meu coração ardente, como pétalas caídas da minha alma de rapaz.

Não contava publicá-los, como não conto publicar uma grandíssima parte desta versalhada desconexa, que aqui se me amontoa pelas gavetas da minha mesinha de estudante, e na qual repousam, adormecidas ou mortas, tantas aspirações ingênuas, tantas ilusões airadas, tantas tristezas ignoradas, intimas...

Mas nós vamos distanciar-nos, ó rapazes! Vamos para muito longe uns dos outros, e — sei lá! — talvez para sempre. É a obra bendita da evangelização social que nos solicita, nos chama.

E já que assim tem de ser, eu queria deixar-vos, antes do apartamento, alguma coisa, — uma recordação — por que mais tarde vos lembrásseis, lá muito ao longe, deste rapaz trigueiro, desgrenhado, de faces escavacadas e fundos olhos erradios, que convosco viveu por aqui a mesma vida, a mesma juventude, as mesmas aspirações de evangelização e amor.

Eu queria deixar-vos alguma coisa, ó companheiros, e escolhi para isso estes versos, que, há meses, no esmorecer doentio e suave do último outono, dediquei á chorada memória dum nosso camarada, dum nosso amigo, dum nosso condiscípulo morto...

Foram escritos de um jato, em momentos de febre dolorosa, em quinze dias de vigília doente, pelas horas tenebrosas em que vós dormíeis, rapazes.

Ai! — quantas vezes, enquanto a pena me escorregava vertiginosa pelo papel, chegavam até mim, soluçantes, fugidias, as plangências brandas das serenatas doridas, que cantavam lá embaixo, ao pé do Mondego, Estrada-da-Beira além, o grande, o doloroso funeral das ilusões!

E a pena corria, corria sempre, numa vertigem febril...

Hoje, lendo os meus versos de então, sinto que vibram neles dois gritos enfeixados, unidos: — um grito de angústia amarga e um grito ardente de esperança.

Eu não sou um pessimista, amigos, porque sou um crente. O pessimismo frio e cético não deve ter cabida nos nossos peitos de Seminaristas. Por isso, nos meus pobres versos não rugem trenos desesperados, — suspiram antífonas de esperança... — Esperança na Luz Divina, na Misericórdia Suprema.

Porque o mundo confrange-se na Dor e quase não tem coragem para fitar os Céus, a ver se lhe sorri a esperança nos olhos tristes de Cristo. Ai! — os mais atormentados são os descritos de Jesus!

Eles, que espedaçaram a Cruz e cuspiram ás faces pálidas do Mártir do Calvário o escarro de mil insultos, — cantaram ditirambos á Ciência e beijaram á Razão as pernas fuliginosas das barricadas rebéis. E são eles que proclamam hoje a realidade da Dor, — da Dor condição da vida, sem uma estrela a fulgir na noite do nosso destino...

“Para qualquer lado que o nosso olhar se dirija, — escreve *um revoltado, o radical Sebastião Faure*, — não se encontra senão dor... O sofrimento está em toda a parte, visita o castelo assim como a cabana, mas apresenta-se sob aspectos que se transformam constantemente, e, através de incessantes migrações, metamorfoseia-se até ao infinito. A vida não passa de um longo martírio, desde o primeiro vagido da criança até ao último suspiro do moribundo. O tormento prende o berço ao tumulo. A alegria de viver não é mais do que uma frase... Um aborrecimento enorme se apossou da humanidade. O furioso aquilão curva todas as árvores da floresta, desde o carvalho ao canavial. Da mesma sorte sopra sobre a terra desolada um misto de miséria material, intelectual e moral, que faz inclinar todas as cabeças, — a dos grandes como a dos pequenos, a dos poderosos como a dos fracos, as fronteiras altivas como as humildes. O martelo do sofrimento, sem nunca parar, esmaga gerações; o cancro da Dor alastra sobre a Humanidade as suas chagas horríveis.” (Sebastião Faure — *A Dor Universal*).

Estas palavras, rapazes, são dum ateu, dum revoltado. Expressam perfeitamente, numa cruel amargura, o desalento completo da orgulhosa Razão em face dos sofrimentos da mísera Humanidade. São os homens da Desordem vencidos perante a Dor.

Pois bem, Seminaristas! Nós, — os filhos da Ordem, os homens brandos da Paz, — somos chamados a derramar nesse cancro universal a luz divina da esperança.

Sabemos de há muito tempo, antes que os negativistas o proclamassem desesperadamente, angustiosamente, sabemos de há muito tempo, — porque o Evangelho o diz, — que “a felicidade não é deste mundo.” Mas sabemos também que na alma da Humanidade soará perenemente a música celeste

daquela amorável promessa de Jesus: — “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”

Na verdade, a Humanidade atravessa um estado doloroso, trágico. Nuvens densas escurecem o céu, e as almas confrangem-se numa penumbra abafadiça, soturna. Esta penumbra é rasgada, a espaços, por clarões lívidos, deslumbrantes, que estonteiam e cegam. Estes lívidos clarões são as cintilas da Ciência.

Mas estes clarões não bastam. Precisamos de mais luz, — de luz serena, benéfica, — para as almas amarguradas.

Acima destas nuvens cortadas dos relâmpagos das idéias, sacudidas pelo trovão das revoltas, — há um espaço mais sereno, com horizontes mais largos, com claridades mais vivas, mais serenas, mais tranquilas. Nós queremos esse espaço, buscamos esse horizonte, desejamos essa luz...

“Amái-vos uns aos outros como irmãos...” — Foi este o preceito novo, que Jesus impôs aos seus discípulos.

Já que vamos para o mundo, hasteie-se em nossas mãos o lábaro da Paz.

Que os maus praguejem, blasfemem: que os maus nos amaldiçoem. Que venham sobre nós os insultos e os escarros, as ameaças e a morte! Ergamos nós para o Alto os nossos olhos tranquilos, e sejam as nossas palavras como um orvalho do Céu a refrigerar este vulcão onde as flores da pureza se fanam amarguradamente, desconsoladamente...

Vai florindo a primavera.

Na folhagem enflorada dos castanheiros do *Recreio*, as ruas cantam suspirosamente a celebração festiva dos misteriosos noivados...

Por esses campos fora, olhai que festas agrestes, olhai que esteira de flores...

E é á vista deste deslumbramento que o mundo se desespera impiamente, alucinadamente, nos torvelinhos da Dor...

É que o vício alastra, e ódios rugem surdamente, e o desespero aumenta!

Ó Seminaristas, — ó Seminaristas de Portugal!

Operários de Jesus, nós devemos ir, mundo além, a semear nas almas a Paz, a Fé nas inteligências, o Amor nos corações.

Não odiemos ninguém. Ninguém! — Porque os que parecem maus não passam, as mais das vezes, de uns néscios, inconscientes, irresponsáveis.

— Olhai aquele que passa... Nervoso, cartolo teso a escorregar p'rás sobranceiras, bigodeiras repontonas, revirando uns olhitos pardos, de través, em ares de superioridade ratona, para os que o saúdam...

É um anti-clerical confesso e professo. Amaldiçoa a *padralhada* com berros de capado. Ri de Cristo e arrota *liberdade*. Come bem. Digere bem. Um felizardo, no entanto. Mas ide falhar-lhe em padres... Cai Tróia. Contorce-se, blasfema, barafusta com acionados de possesso.

Rabisca tropos pelas gazetas e escrevinha, nas horas vagas, brochuras contra os *jesuítas*... — Quer *esmagar a infame* com Voltaire; com Diderot desejaria *enforçar o último rei nas tripas do último padre*, e com Falstaff bebericar boas pingas e ingerir presuntos. Que ele não conhecerá Voltaire, nem Diderot, nem Falstaff... — Arremeda-os mal.

E afinal, coitado, é um pobre diabo... Um bom rapaz. Adora a mulher e os filhos. Tem coração. Será um imbecil... Será. Mas que temos nós com isso? O mal é dele. E o ridículo, o pior mal...

Perdoai-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem... — Ali vai outro, — um torturado de alma. Vive na revolta e para a revolta. Cogita em sedições e sonha com barricadas.

E afinal é um ótimo rapaz, uma bela alma. Mal empregado coração em não se enlevar num ideal de amor! E quantos pelo mundo assim, coitados, quantos...

— Outro que passa... Um operário. Vai negro das forjas, mãos nervudas em sacudidelas bruscas, a ameaçar. É filho dessa raça obscura, que dá vida, que dá seiva ao mundo em troca de migalhas, em troca da miséria.

Nos seus olhos sangrentos, erradios, fosforeja o clarão trágico das revoltas vingadoras...

Vamos até ele, ó rapazes. Aos operários, ó Seminaristas! Demos-lhe o ósculo da Paz, num grande abraço de fraternidade, da fraternidade cristã.

Que eles se ajoelhem aos pés da Cruz, do Operário-Deus, do Carpinteiro-Divino. Lancemos uma gota de orvalho aquele desespero ardente...

E eles terão a esperança.

— Outro ainda. Um nulo. Olhai que olhar aquele... Olhar mortiço, sem expressão, sem vida. É um mártir... — mártir dos próprios vícios. Assar-lhe as carnes, requeimar-lhe o aguado sangue a febre das luxúrias desvairadas, das execráveis torpezas, das verde-negras abominações.

Não tem um ideal, uma esperança, um norte.

É um morto, coitado...

— E aquelas? Quem são elas que passam saracoteando-se, e olhando para nós com uns trejeitos equívocos de deslavada gaiatice? — São as loureiras. Pobres raparigas, pobres escravas!

Porque elas são escravas. Da *escravatura branca*, que Victor Hugo chora e amaldiçoa.

E lá vão elas, tresloucadas, delambidas, de arcabouços podres desengonçando-se entre chitas baratas, a vender sorrisos, a dizer torpezas.

Que se lhes há de fazer? Enxovalhá-las mais? que façam isso os maus. Nós somos discípulos de Jesus.

Jesus, que lia nos corações, porque era Deus, sabia fazer dessa lama pedras preciosas, dessas larvas dos bordéis fazia Ele anjos castos. Fitando-as com os seus olhos muito tristes, muito tristes e compadecidos, transformava as Madalenas em anjos místicos, puríssimos, e as pobres Samaritanas em missionárias do Céu...

Mas é que Ele era Deus, e lia no fundo das almas, e nascera de uma Virgem por causa dos pecadores.

Desgraçada a sociedade em que a mulher se corrompe. É o Amor que desce do seu trono azul e santo onde Deus o colocara, é o sentimento que se embota e morre, é a alma que rasteja e já não pode alevantar-se ao alto...

E a prostituição corrói tudo!

As virgens da Lusitânia, os anjos de Portugal, as filhas da nossa Raça, já não esperam nem crêem no embotado coração dos homens. E vão sentar-se, coitaditas, a chorar, esmorecidas, nas solidões ltuosas, quando se não entregam — ai! quantas vezes... — desvairadamente, ao turbilhonar do vício, prostituindo-se, perdendo-se!

E o mundo ri, ri de tudo. Da dor resignada que santifica, do amor santo que perfuma, da crença que anima e salva.

E os vates cantam o vício, paixões desvairadas, egoísmos truculentos, abomináveis luxúrias...

E a miséria desalenta os operários rudes, que passam esfrangalhados, enfarruscados de carvão, descritos, desesperados, erguendo para os céus os braços cabeludos, em crispações de ameaças.

É a fome, é a peste, é a guerra, — a trindade trágica devastando as almas!

Ó Seminaristas do meu País, ó meus camaradas, meus amigos! — Abramos résteas de esperança nesta caligem da Dor! Vamos por aí fora, — corações abertos, almas compadecidas, — a fazer nos desesperados a sementeira do Amor...

Ai quem dera nesta sociedade um banho espiritual da caridade do doce anjo de Assis, daquele seráfico espelho do enternecido Jesus...

Ergamos a Cruz bem alto! Que os homens vejam o Cristo, o Divino Mártir, o Deus sofredor das inenarráveis dores. E vereis que das suas chagas vermelhas radiarão p'rás dores sociais résteas benditas de esperança, santos perfumes de amor...

Seminário de Coimbra.

Vosso do coração

ACURCIO CORREIA DA SILVA.

Á CHORADA MEMÓRIA
DO MEU BONDOSO AMIGO E CONDÍSCÍPULO

JOAQUIM FERREIRA FAUSTINO

ESTES MEUS VERSOS,
COM AS MINHAS LÁGRIMAS E PERPETUA SAUDADE...

Faustino.

Novembro de 1911.

Nesta quadra tão triste, de uma tristeza tão linda, veio a Morte roubar-te ao nosso convívio, ó amigo, ao nosso curso, ó condiscípulo!

É romântica, de um lirismo infinito e doce, uma morte assim, sob os raios agonizantes deste sol outoniço...

Á noite, sentado á minha mesinha de estudante, depois de estudar as minhas lições (— noites beatificas; luar e estrelas; paz infinita nos céus e paz nas coisas dormentes...) — pensei em ti. Muita vez, meu desditoso amigo. E orei pela tua alma...

Depois, a horas mortas, surgiram-me no cérebro incandescido mil impressões dolorosas — como litánias esfarrapadas do folhido agonizante...

O anjo da poesia abriu a asa branca, e deu-me um beijo de febre. E eu cantei...

Os meus versos? — Aqui os tens. São a expressão da vida. Tristes, amargos e tristes, como as antífonas roucas dos mendigos aos portais dos milionários...

Bem sei que tu não os lês. Ninguém os lerá talvez...

Ou antes, ninguém os lerá senão tu... Que importa? — Hei de lê-los eu, mais tarde, sozinho, quando já for velho (Ai! — se lá chegar...)

Este ramalhetinho de floritas bravias há de ter um perfume sempre novo para a minha alma alanceada... E talvez então eu chore, com estes meus olhos míopes, hoje tão secos de febre!

Já não há luar. Nuvens e chuva... O vento geme lá fora, ali nos castanheiros (nos nossos castanheiros, ó Faustino!) o *Dies irae* das tempestades eternas...

Ai! o vento... — É bem a expressão formidável do desespero do mundo.

Ao menos eu tenho a paz, a paz bendita, nesta minha alma ardente, sonhadora. Bendito sejas, meu Deus.

É meia noite... Vou rezar por ti.

ACURCIO

I - TARDES

Olhai que tardes estas!
Tardes de outono, tardes de agonia...
Começa o novo sono das florestas...
Deixai dormir os robles e as giestas,
Que acordarão um dia.

Lá desliza o Mondego a murmurar
As doces melopéias do passado,
(Que hoje só ele as pode lembrar...)
— Lendas de antigas moiras a cantar
Idílios de outras eras, ao luar
Ou á radiosa luz do sol doirado...
Lá desliza o Mondego a murmurar...
Só podem perceber-lhe as melopéias
As ervinhas rasteiras e as areias...

Olhai os desgrenhados salgueirais,
Curvados a cismar por sobre as águas...
Parecem trovadores medievais,
Chorando em velhas rimas novas mágoas...

Nas cordilheiras pardas e distantes
Adensam-se uns vapores transparentes,
Doirados, luminosos, flutuantes,
Sobre as carquejas ásperas, dormentes...

Na poeira luminosa do sol-pôr
Agacham-se quietinhas, silenciosas,
Dormindo num beatífico torpor,
A casaria, as árvores, as rosas...

Há uma indescritível atonia
Nas vagas tintas que o sol-pôr produz,
— Como um grande soluço de agonia,
Que lentamente se tornasse em luz...

Andam no ar acentos vagabundos
De fados lacrimosos,
Como endeixas de poetas moribundos,
Ao luar, pelos ermos lutuosos...

Olhai que tardes estas...
Tardes de outono, tardes de agonia...
Vai dormir o carvalho das florestas
Para acordar um dia...

II - AOS ANJOS DA POESIA!...

Ó anjos da poesia, ó cândidas beldades,
Irmãs dos querubins, — ó núncias do Céu,
Que me acenais ao longe, ao fundo das idades,
Cantando heroicamente as velhas potestades
Nas cordas triunfais da lira de Tirteu,
E soluçando doces, místicas saudades
Nas cordas pastoris da citara de Orfeu...

Que outrora, celebrando os feitos dos guerreiros
Em versos festivos, homéricos, divinos,
Andastes a cantar p'los flóridos outeiros
Da Grécia sonhadora, e á sombra dos loureiros,
Sentadas nos ilhéus dos golfos azulinos;
E andastes a gravar na casca dos olmeiros
Uns versos amorosos, brandos, pequeninos...

Que voastes para a Itália, e andastes com Virgílio
Por sobre o Mar-Egeu, á flor das ondas lisas;
E chorastes com ele as lágrimas do exílio;
E lhe fechastes, morto, o veludíneo cílio
Daquele olhar, que viu tão largo sem balizas...
E assististes talvez ao mágico concílio
Das líricas vestais, das virgens Pitonisas

Vós que inspirastes Tasso e o formidável Dante,
Sentado a meditar ao pé das catedrais,
Levando-o pela mão a ver a casta amante,
A cândida Beatriz, que deslizava hiante
Na trágica mudez dos giros infernais...
Falastes com Petrarca á réstea flutuante
Das noites de luar, das noites medievais...

Que destes alma e vida aos versos de Camões,
O indômito guerreiro, o excelso trovador;
Que lhe inspirastes doces, trêmulas canções,
Nas grutas orientais, nos ermos, nas soidões,
— Canções cheias de fogo e trágicas de dor;

Vós que haveis insuflado aos grandes corações
Os carmes da tragédia e os cânticos do amor...

Ó anjos da poesia, ó cândidas beldades,
De tranças luminosas, loiras como o trigo,
Que me acenais ao longe, ao fundo das idades,
Cantando heroicamente as velhas potestades
Na citara de Homero — o olímpico mendigo...

Eu canto o sofrimento, e as crenças, e as saudades,
Ó líricas beldades ideais, sede comigo...

III - JORNADA TRÁGICA

A vida é uma colina
Cheia de escuras e fragosas sendas,
E emergindo da tépida neblina
Das ilusões, dos sonhos e das lendas...

Vinde comigo, ó férvidos amantes
Da Verdade, da Paz, do Bem, da Glória...
Vamos subi-la, — heróicos viandantes,
De olhos fitos nas páginas da História...

Ó pálidos poetas desgrenhados,
Que andais, á luz do luar,
A percorrer atalhos ignorados,
Esfarrapando sonhos, a cantar...

Eu quero vos mostrar serenamente,
Como um asceta antigo, solitário,
A perspectiva ingente
Da vida — este Calvário...

IV- OS MISERÁVEIS

Tendes olhos de ver. Olhai... — Ao fundo,
Nas bocas tenebrosas das cavernas,
Não vislumbrais um turbilhão imundo
De larvas, num grasnido gemebundo
Feito de raiva e maldições eternas?

— São os ladrões, ferozes valdevinos,
Cujo instinto são ódios e sangueiras!
Alta noite, os seus olhos de assassinos
Fosforejam bravios, reptilinos,
Entre as sarças das velhas carvalheiras...

Pelas trevas, ao som dos temporais,
Quando os ventos ululam nas florestas,
Vão agrupar-se ás portas dos casais,
Afiando os mortíferos punhais,
Coçando-os pelas mãos nervosas, lestras...

— São também vagabundos, — os ciganos,
De barbaças intonsas e nojentas,
Esguedelhados, rotos e marranos,
De testa cancerosa envolta em panos,
Escorrendo matérias fedorentas...

Coitados! Em magotes pelas praças,
Para colher esmolas miseráveis,
Esbracejam ridículas negaças
E rouquejam exóticas chalaças,
Retorcendo as bocarras execráveis...

Pobres ciganos! De olhos estoirados,
Pernas podres e faces cabouçadas,
Lá vão a correr mundo, atormentados,
De estômago vazio e pés pisados
Dos duros pedregulhos das estradas...

São inda as torturadas das rameiras,
As pobres raparigas sem pudor,
Que se espojam nas frígidas lameiras,
Ao sol, á chuva, ás rijas ventaneiras,
Sem alma, sem destino, sem amor!

São míseros farrapos encharcados
No lodo da torpeza verminada!
Ah! homens, egoístas derrancados!
E ainda vos julgais civilizados,
Ó luxuriosa, estúpida manada!

Não lastimais as pobres meretrizes,
Que andam na lama, a chafurdar de rojo?
Chamai á dignidade as infelizes!

— Ó rapazes, tapemos os narizes;
Sigamos para cima. Isto faz nojo!

V - OS REBELADOS

Quedai-vos. Escutai... Eu ouço (ao certo!)
Rugidos formidáveis,
Quais se o Inferno se abrisse aqui perto
E vomitasse do bocal aberto
O brado dos tormentos infindáveis...

Já sei, já sei... — É a estranha turba-multa
Dos homens revoltados,
Que salta, brame, despedaça, insulta,
Como uma formidável catapulta
Feita de homens bravios, desvairados...

São revolucionários contorcidos
Em grossos turbilhões,
De olhos raivosos, trágicos, ardidos,
Agitando no ar balsões erguidos
Ao sol sangrento das rebeliões.

Filhos do ódio, filhos da desgraça,
Não tem amor nem esperança!
Esguedelhados, negros, pela praça,
Rangendo os dentes, gritam a quem passa:
— Vingança, só vingança, só vingança!

Deixá-los trovejar pelos outeiros...
Oh! Deus lhes mande a paz!

Subamos mais acima, ó companheiros...
(Outono... — Olhai que lindo tempo faz...)

VI - CAVADORES

Ao longe — vedes? — os cavadores,
Filhos do campo, filhos da leiva,
De olhos escuros e cismadores,

Olhos ingênuos de trovadores...
— Cantam os campos, cantam as flores,
Cantam a seiva...

Por horas mortas (céu estrelado...)
Eles lá vão
Lavar a terra, guiar o arado,
De olhar bondoso e resignado
Posto nos olhos do manso gado,
Posto no chão...

Vem as chuvadas, as inverneiras;
Rugem os rios, incham ribeiras;
Alagam campos, alagam leiras...
Vede a desgraça!
Que há de ele fazer? — De olhar dorido,
Mal almoçado, pior vestido,
Senta-se á porta, esmorecido,
A ver quem passa...

Vem o calor do sol doirado
Queimar-lhe o pão!
Que há de ele fazer, o desgraçado
Do lavrador? — Vai pró eirado,
De aspeto triste, de olhar pasmado,
Cismar na vida, descorçoado,
Queixo na mão...

Estala a guerra; levam-lhe o filho.
Crescem os ratos, trincam-lhe o milho...
— Oh! forte praga de ratazanas! —
Branqueja a neve, ruge a nortada...
Lá vai a telha desmantelada
Das alpendradas mais das choupanas!

Ouvide ainda maior desgraça...
Tinha uma filha, — que doce graça
De rapariga...
Nas largas noites, junto á fogueira,
Lume bendito sobre a lareira,
Ela fiava (gentil fiandeira...)
O linho branco da sua estriga...

Até ao tardo cantar do galo
— Não imaginam, — era um regalo
O pai velhinho vê-la fiar...
Rufam chuveiros fortes lá fora...
(Ai! Anjo Bento, Nossa Senhora
Seja c'os que andam a esta hora
Sobl'as águas turbas do mar!)

Ela era a vida da sua vida;
Ela era o lume do seu olhar,
— Lume bendito que n'alma brilha.
Como ele lhe queria — rola querida
Nem temos nada que admirar,
Porque era filha...

Mas sucedeu que em certo dia
(Dia aziago... Ele nem podia
Pensar em tal de olhos enxutos!)
Passou por lá um rapazão...
(Grande patife! Grande ladrão!)
Leva-lhe a sua consolação:
Rouba-lhe a filha, e em troca então
Deixou-lhe a dor, — só dor e lutos!

Malditos sejam os valdevinos
Que andam as jovens a desonrar!
Santos velhinhos, boas famílias,
Guardai dos lobos as vossas filhas
Dentro do lar...

Vede a desgraça enorme e crua
Do paciente do lavrador!
— Triste batalha! —
Que há de ele fazer? Que vida a sua!
Que há de ele fazer na sua dor?!
O Pai-do-Céu o ajude e valha...

Bons lavradores! Chorando ou rindo,
Dizem que vida assim não ha...

Vamos, rapazes, vamos subindo;
Deixai-os lá...

VII - OS MENDIGOS

Sentados pelas orlas dos caminhos,
Olhai os lacrimosos pobrezinhos...
Doentes, velhos, rotos, corcovados,
Alforjes para os ombros, resignados,
Pernas secas, cambaias, retorcidas,
Contando-se uns aos outros suas vidas,
— Olhai que inigualáveis odisséias...

Aquelas engelhadas caras feias,
Escaveiradas, sujas, com barbaça,
Contraem-se num *rictus* de desgraça
Riscado pelo dedo da miséria...
Sob a abóbada azul, celeste, etéria,
Sem palácios, sem camas, sem pousadas,
Desde o sol-posto á luz das alvoradas,
Percorrem varias terras a pedir
Côdeas de pão...
Á noite vão dormir
Sobre a palha dos velhos alpendrais,
Juntamente cos ratos e os pardais,
E cos escrofulosos canzarrões
(Expulsos da cozinha p'los patrões)
Repartindo com eles das esmolas,
Que tiram lentamente das sacolas...
E comem de uma vez jantar e ceia...

Ainda assim vós não fazeis idéia
Como eles são felizes, os mendigos...

No estio vão deitar-se pelos trigos,
De bandulhos pró ar, a meditar
Nas velhas aventuras, ao luar,
Dos tempos da bizarra mocidade,
De que inda tem uns restos de saudade...
Rastejam pela terra as salamandras;
Chilreiam delambidas as calhandras,
Picando por ali o louro grão...
Que pacífica, ideal consolação
A existência deles descuidada:

— Pedir, rezar, comer, dormir... Mais nada.
Tardes mornas...

As nuvens, pelo azul,
São flotilhas, que vogam para o sul,
Em demanda das Índias encantadas
Onde vivem sereias, silfos, fadas...

No outono, passam líricas manhãs
Ferrando os dentes podres nas maçãs;
E em tardes murmurosas vão-se por
Nos ermos, murmurando com fervor
As perfumadas orações antigas
Ensinadas p'las mães (pobres mendigas,
Que o bom Deus desde há muito já lá tem...)
Oh! Nunca esquecem orações de mãe...

Chilreiam cotovias nos valados...
Nas largas noites invernaes, coitados,
É que eles sofrem gelos e frieiras!
Por horas mortas, quando as ventaneiras
Lhes fogem cos colmados das cabanas,
Abandonam a enxerga das choupanas,
E vão-se recostar pelos portais
Aonde o frio os mortifica mais!
O vento ulula rouquidões e pragas...

Andam no ar escuridões presagas,
Que põem calafrios na espinha...
Maldita chuva! — Quanto mais se aninha
O pobrezinho, mais se ensopa e alaga!
Ó santa primavera, Deus te traga...

Primavera! Que tardes deleitosas
Andam no ar ondulações radiosas,
Exalações miríficas das flores...

Que perfusão esplendida de cores
E os pobres, pelas tardes perfumosas,
Coroam-se de mirtos e de rosas,
E atafulham de rosas a sacola...
Santa abundância, abençoada esmola
A tua, ó primavera do Senhor...

— Alvorada de rosas e de amor...

VIII - OS POETAS

Acima companheiros!
Alegres como airadas borboletas,
Visitemos os pálidos poetas,
Que andam a cismar entre os loureiros...

Seu vulto aos céus se alteia...
Vede-os, rapazes, vede-os... — São aqueles
De olhar ardente! — Vede-os, como eles
Trazem nos olhos o clarão da idéia!

Nas faces desmaiadas
Vêem-se indícios da vigília estóica,
Que passam a cantar em rima heróica
As antigas batalhas porfiadas...

Seus olhos amoráveis
Andam tristes, vermelhos de chorar,
Em noites silenciosas, ao luar,
As desgraças dos povos miseráveis...

Espíritos do bem,
“Almas de fogo, que um vil mundo encerra”
Como os denominou quem foi na terra
Entre os maiores trovador também...

Ó pálidos poetas,
Eu vos saúdo, ó almas desditosas,
Cantores das batalhas ou das rosas,
Coroados de lauréis ou de violetas...

IX - O TUBERCULOSO

Além, sentado á sombra das ramadas,
No musgo dum rochedo,
Cisma um jovem de faces desmaiadas
Tão magro que põe medo...

É o tísico. Nos olhos encovados,
Doridos de sofrer,
Vê-se a resignação dos desgraçados
Cansados de viver...

Sussurra a aragem fria pelas heras
Um canto gemebundo,
Como a música etérea das Esferas
Nos âmbitos do mundo...

Caem as folhas mortas, retorcidas,
Revelhas pela relva;
E as avezinhas calam-se, transidas
De frio, pela selva...

Desmaia ao longe o sol... — Que tardes estas
De mágoas tão profundas!
Andam no ar exalações funestas
Das rosas moribundas...

Coas chuvas engrossaram as ribeiras.
Lá passam a gemer,
Levando os esqueletos das roseiras,
Que acabam de morrer...

Erguem-se ao ar as ramas desnudadas
Das árvores agrestes;
E as aves vão piar desconsoladas
Á sombra dos ciprestes...

Os ciprestes! — Só eles com o inverno
Não perdem o vigor...
Bem mostram que no mundo é sempiterno
O sofrimento, — a Dor!

A tosse (ei-lo a tossir!) rasgar-lhe o peito
Em bruscas convulsões,
Arrancando-lhe o sangue já desfeito
Dos pútridos pulmões!

A infância, a mocidade... — esperanças mortas...
Como isso já lá vai!
Assim expiram ilusões absortas
No hálito dum ai!...

Pobre tísico! — Os olhos encovados,
Doridos de sofrer,
Fitam as coisas, brandos, resignados,
Dispostos a morrer...

X - ORFÃOZINHOS

Crianças — olhai-as — perto,
Desmaiaditas a rir...
Nos olhos um céu aberto,
Nos lábios rosas a abrir...

Não tem mãe, não tem lume.
Sua lareira é o caminho,
— Como ninhadita implume,
Morta a mãe longe do ninho.

Crianças que não tem lar
Onde o carinho reluz
Nunca aprenderão a amar,
— São como as rosas sem luz...

Ouçó dizer que as crianças
(Anjos de olhar manso e puro...)
São chilreantes esp'ranças
Dum deslumbrante futuro...

Mas estas, que a rua cria,
Magrizelas, definhadas,
— Quem me assegura que um dia
Não hão de ser desgraçadas?

Crianças órfãs, sem mãe,
Já nascem com sua cruz,
Como nasceu em Belém
O Deus Menino, Jesus...

— “São rosas a abrir mimosas
As criancinhas...” — Pois sim!
Só se nós chamarmos rosas
Às florinhas do alecrim...

XI - NOIVOS

Além cismam dois noivos,
Fitando ao longe a curva azul do céu
C'uns olhos muito tristes, como goivos
Á flor duma ilusão que já morreu...

Quem pode adivinhar
As coisas em que cismam, que mistério?
— Pensam na nostalgia do luar,
Beijocando os rosais do cemitério...

Ouvide: — Ela, a sorrir,
Pergunta com brandura:

“Quem primeiro de nós irá dormir
Naquela sepultura?...”

XII - O BOÊMIO

Cai sobre as coisas um luar de prata,
Luar bendito, que enlanguesce, enleia...
Vem ao longe uma airada serenata,
Soluçando uma antiga melopéia...

Lá vem o tocador. É um vadio,
De guitarra chorosa ao tiracolo...
Passa as noites cantando pelo frio
Cantigas de saudade e desconsolo...

É um boêmio, dos parias desgraçados,
De olhos profundos, vagos, erradios
Que vivem a cantar pelos eirados,
E morrem afogados pelos rios...

É dessa raça antiga, vagabunda,
Que atravessava todas as nações
Composta de uma incrível barafunda
De cômicos, mendigos e ladrões...

Ei-lo, — o rebento dessas raças mortas,
(Esparge-se o luar na solidão...)
Cantarolando á lua, pelas portas,
Cantigas de saudade e de paixão...

XIII - NOIVA MORTA...

Num sonho angustioso, eu vi passar por entre as oliveiras desoladas um caixão branco, com muitas fitas roxas...

Era ao sol-posto. Pelo céu, uns farrapitos de nuvens, roxeadas pelo sol agonizante, pareciam goivos sepulcrais a desfolharem-se amarguradamente, desconsoladamente...

Atrás do caixão carpiam-se muitas virgens, vestidas de luto, olhos ardidos pelas lágrimas...

E eu disse para as virgens:

Ó virgens, quem é aquela
Que levam prá sepultura?
Virgens, virgens! Quem é ela,
Tão nova e tão sem-ventura?!

E as virgens, desgrenhadas, lacrimosamente responderam-me:

É a linda morgadinha,
Que levam a enterrar...
Morreu ontem, á noitinha,
Ao despontar do luar...

Era a mais rica e mais bela,
Mais enlevada de amor;
E morreu... Que sorte a dela!
Não faz idéia, senhor...

De que valeu ser tão cheia
De inteligência e beleza?!
Chora tudo lá na aldeia:
Que tristeza! Que tristeza...

Cismava nos áureos planos
Do seu próximo noivado:
E fez só dezoito anos
Pelo setembro passado...

Mais infeliz nunca vi!
Em vez de noivar, morreu...
O bom Deus qui-la pra Si:
Levou-a da terra ao Céu.

Ela era o anjo da graça,
Sempre a sorrir e a cantar...
Tudo passa! tudo passa...
Morreu! — Deixai-nos chorar.

Em noites de escamisadas,
Que se faziam p'la aldeia,
Soltava canções airadas,
Ao clarão da lua cheia...

Tardes mornas de novenas,
Quando íamos enfloradas,
Como irisadas falenas,
Como rolas desvairadas...

Ela era a flor da alegria,
Boca rubra, olhar de luz...
Roubou-a a morte sombria!
Roubou-a... Jesus! Jesus!

Chorai, ó brancas falenas;
Chorai, brisas murmurossas;
Chorai, ó rolas serenas;
Chorai, relvas; chorai rosas...

De que nos vale a beleza,
Que a Morte pode roubar?!
Ai! — que vida, que tristeza.
É só penar, só penar!

E eu, muito comovido, muito triste, disse ás virgens, com lágrimas na voz:

Tendes razão, raparigas...
Que valem sonhos, encantos,
Loucas ilusões antigas?...

Tudo se desfaz em prantos!

Aquela tenra florita,
Desfolhada pela morte...
— Não lhe choreis a desdita.
Não pranteeis sua sorte...

Pois, donzelas, quem nos diz
A nós — corações airados,
Que ela não foi a feliz,
E nós os desventurados?...

Pois, afinal, esta vida,
Mesmo á luz ideal do amor,
Sempre incerta e combalida,
— O que é ela, senão dor?!

Uma tristeza mortal
Repassa as nossas folganças...
Ai! cachopas, ai! crianças,
Nem é bom falar em tal...

Quando ides p'rás romarias,
Entre murtas e alamedas,
Como doidas cotovias,
Chilreando airadas, ledas,

Não pensais nesta agonia,
Que nos punge o coração...
— Levais a alma irradia,
Ceguinha p'la ilusão...

Mas á noite, junto ao leito,
Cismais, á luz do luar,
Em tanto sonho desfeito...

E desatais a chorar!

A vida é uma dor infinda!
Por isso eu vos digo a vós
Que essa defunta tão linda
Foi mais feliz do que nós...

É dela a paz celestial.
(Olhai que faces de arcanjo...)
Morreu santa, virginal,
Santa e pura como um anjo

Ó tísicas lacrimosas,
Que á tardinha, a passear,

Sfalfaditas de chorar,
Dizeis queixumes ás rosas...

Tendes saudades da vida?
Para que? — Não vale a pena...
Gozareis a paz querida
Da celeste luz serena...

E o luar irá beijar
As vossas campas musgosas.
Que doce amigo o luar,
Ó tísicas lacrimosas...

E vós, cachopas, que assim
Pranteais a que morreu,
Não soluçais, porque enfim
Ela é um anjo no Céu...

E olhai: — se a desonra um dia
Vos tem de vir, (Vossa mãe
Morreria de agonia...)
— Mais vale morrerdes também

E as virgens, acenando-me um adeus, sufocadas pelas lágrimas, lá foram seguindo o caixão, como anjos do desespero, soluçando em coro:

Chorai, ó rolas serenas;
Chorai, brisas murmurossas;
Chorai, ó brancas falenas;
Chorai, relvas; chorai, rosas...

Chorai, estrelas cadentes
Como lágrimas de luz...
Chorai, ó águas correntes...

Ai! Jesus! Jesus! Jesus!

XIV - O DOIDO

Olhai ao longe os ervaçais distantes,
Vereis uma figura desvairada,

Esbracejando rábida na estrada
Com maneiras sinistras, delirantes...

É um louco enrodilhado em panos rotos,
Que anda por aí fugido aos manicômios:
Tem fome; vai, por isso, aos gafanhotos,
E, se os encontra, apanha-os e come-os.

Iroso, magro, sujo, esguedelhado,
Passando a urrar por entre as oliveiras,
É a relíquia talvez dum revoltado,
Que pregou sedições pelas ladeiras...

Vede-o... De olhos bravios e sangrentos,
De mão crispada para os céus erguida,
— É bem a sombra trágica da vida,
Que vaga pelo mundo, a passos lentos...

Quando na rama ululam ventaneiras,
E a chuva tamborila nas vidraças,
Passeia, em noite escura, p'las ladeiras,
Profetizando trágicas desgraças...

Vagueia pelo campo, a horas-mortas,
E a adormece nas encruzilhadas,
Quando os sapos, de negras pernas tortas,
Rastejam pelas rosas orvalhadas...

Convive cos fantasmas vagabundos,
Entre as sombras dos altos carvalhais...
Por isso sabe os mistérios profundos
Dos sombrios destinos dos mortais...

E há quem o visse, em horas tormentosas,
Ao lívido clarão das trovoadas,
Sentado sobre as rochas alterosas,
De longas cabeleiras desgrenhadas...

Vai passear de noite ao cemitério
A trautear umas toadas lentas,
Como se um velho vínculo funério
O prendesse ás ossadas fedorentas...

Se acaso os sinos dobram a defuntos,
O doido rompe em fundo soluçar,

Resmungando nuns místicos assuntos,
Que acabam num raivoso praguejar.

É amigo dos bichos e das rosas...
De manhã vai colhê-las orvalhadas,
E ajunta-as num monte, ás chapeladas,
Como se fossem pedras preciosas...

Como vedes, seu rosto é negro, horrífico!
No verão, quando o sol arde nas ladeiras,
Vai-se deitar nas cálidas torreiras,
E adormece num sono beatífico...

Para fugir aos negros manicômios,
Esconde-se nos úmidos esgotos;
Se tem fome, procura gafanhotos,
Apanha-os e come-os...

XV - OS FILÓSOFOS

É tempo de seguirmos para cima,
Rapazes; vamos lá:
Que o tempo é um tesouro que se estima,
Pois é pra isso que o bom Deus o dá.

De olhos profundos, a fitar o chão,
E quedos, quais bramânicos teosofos,
Há uns vultos ali, na solidão,
Imersos em letal meditação...
Olhai, — são os filósofos.

Os rostos secos, magros de cismar,
Cobrem-nos sórdidas barbaças feias;
Vê-se nos olhos fúlgidos brilhar
O fogo das idéias...

P'la estrada da nevoenta antiguidade
Vem já de muito longe essa legião,
Esquadrinhando com sofreguidão
O rastro da Verdade...

No céu da Grécia antiga, — azul, profundo,
Cintila com olímpico clarão
A tríade infundável da Razão,
Iluminando os ângulos do mundo:

— Aristóteles, Sócrates, Platão...

Esses gênios enormes, admiráveis,
Esses homens de fundos olhos virgens,
Empregaram esforços formidáveis
Por descobrir os Fins mais as Origens...

E algo eles fizeram com efeito:
— Legaram-nos a nós muitas verdades,
Como grânulos de ouro imperfeito,
Refulgindo na noite das Idades...

Nesse tempo, porem, não viera ainda
Do misterioso Empíreo esse clarão
Pedido tantas vezes por Platão:
— A voz de Deus com a Verdade infinda
Que rompesse as caligens da Razão...

.....
Olhai-os hoje ainda... — Olhos erráticos,
Fitos não sei em que visões distantes,
Parecem velhos ermitães lunáticos,
Leitores de alfarrábios esquipáticos,
Sepultos na poeira das estantes...

Surge agora a grandíssima questão,
Que eles (coitados...) querem resolver
Depressa, quanto antes, — bem ou mal...
É a questão do nosso coração,
Deste vago e nostálgico sofrer
Que eles designam *Dor Universal*...

Este mal, — esta dor, este martírio,
Pertence essencialmente ao coração
Como pertence ás pétalas do lírio
Aquela cor tão linda de paixão...

Porem não acreditam, e pretendem
Que o homem, de nascença, é imaculado

Como as viçosas pétalas, que estendem
As açucenas para o sol doirado...

E assim andam tentando realizar
Cá sobre a terra a plena felicidade,
Pondo o homem na peanha dum altar,
Fazendo dele uma *auto-divindade*...

E o mundo, no mais vil materialismo,
Desfaz-se numa infanda corrupção,
E, guiado pela rédea do Egoísmo,
Precipita-se no fundo dum abismo
Onde arde um cataclismo,
Onde rouqueja a fulva sedição!

E passa á flor das coisas a gemer
— Qual bocejo de quem acorda tarde —
O tédio genial de Schopenhauer,
O imenso pessimismo de Leopardi...

De olhos profundos, a fitar o chão,
Esfíngicos como índicos teosofos,
Olhai os cismadores da soidão,
Em filosófica meditação...

Coitados dos filósofos!

XVI - FIGURAS ANTIGAS

Mais dois passos acima, só dois passos,
E atingiremos a região querida
Onde palpita já, sob os espaços,
A luz da eterna vida...

Aplainam-se de rosas os caminhos
Á luz dum sol mais vivo e triunfal;
Como que ouvimos músicas de ninhos
Nas franças do sarça!...

Há uma paz bendita, religiosa,
Nesta zona altaneira da colina...
Que esplendida paisagem majestosa
Coa vista se domina...

Passam ao longe as sombras vagarosas
Dos domador's dos povos e dos p'rigos,
Erguendo-se das páginas nublosas
Dos *cronicons* antigos...

Vede-os... Guerreiros e legisladores,
Caudilhos triunfais das velhas raças,
Olhando para o mundo, ameaçadores,
De níveas barbaças...

Moisés — esse gigante — ao longe, olhai,
(Aspeto decidido, audaz, profundo...)
Das cristas chamejantes do Sinai
Falando para o mundo.

Em duas pedras ergue a Lei impressa,
Apregoando-a irado, trovejante!
Os relâmpagos nimbam-lhe a cabeça
Num halo deslumbrante...

— Avante para a vida, para a glória,
De encontro aos Filisteus, aos Moabitas
E acendem-se na esperança da vitória
Os seus Israelitas...

E em marcha heróica, triunfal, radiosa,
Pisando os areais, eles lá vão
Em demanda da terra pantanosa
Da santa Promissão...

XVII - EVOCAÇÕES...

Eu vislumbro uns estranhos personagens,
Arrastando umas rústicas roupetas
Por sob os toldos verdes das folhagens..
Olhai... São os Profetas.

Morreram já há muito, escalavrados
Pelas fomes e austeras penitências
Nos desertos, p'los cardos dos valados,
Ao frio, á chuva e ás tórridas ardências.

Fitai-os — De cabelos desgrenhados
E grandes barbas brancas, luzidias,

Bracejam pelos cerros, inspirados
P'lo sopro genial das profecias...

É o velho Jeremias, lastimando,
Nos plainos verdoengos de Siquém,
O insondável abismo formidando
Onde vê mergulhar Jerusalém!

Ai! — Na sua lamúria contristada,
Lamúria de tristeza, de desgosto,
E bem toda uma Raça desgraçada,
Que chora o seu *sol-posto*...

Ó líricas aldeias da Judéia,
Ó rústicos trigais de Zabulom,
Ó árvores florais da Galiléia,
Ó águas murmurosas do Sarom...

— Ó aldeias humildes, aninhadas
Nas encostas, por entre os palmeirais,
Que adormeceis em horas repousadas
Sob o luar das noites orientais...

— Ó trigais lourejantes, ondulados
Pelas tépidas brisas perfumosas,
Que passam, beijando nos valados
As corolas balsâmicas das rosas...

Ó árvores escuras, sussurrantes...
Ó airosas e múrmuras palmeiras,
Que dais sombra aos cansados viandantes
Roídos das poeiras...

Ó águas do Jordão, águas sagradas,
Que rolais sobre a areia, *léz-á-léz*,
Suspirando umas místicas baládas
Do tempo de Moisés...

— Ó coisas orientais...
Ó brancas pombas que arrolais tão bem,
Ó hortos, ó jardins, ó olivais,
Ó lírios de Belém!

Eu quero ouvir as lástimas antigas
Dos Juízes, dos Reis mais dos Profetas
De longas barbas brancas como estrigas,
De olhos pisados, roxos quais violetas...

Contai-me essas antigas penitências,
Essas heróicas orações estranhas,
Que murmuravam sobre as eminências
Das ásperas montanhas...

Cantai-me as melopéias contristadas
Das cândidas mulheres bíblias,
Quando iam, ao clarão das alvoradas,
Prá ceifa dos trigais...

Falai-me dessa Virgem toda luz,
Da mística alegria dessa Mãe,
Quando em seus braços recebeu Jesus
Na Lapa de Belém...

Falai-me dos grosseiros sacerdotes,
Dos magros e barbudos Fariseus,
E desse esgrouviado Escariotes,
Que ousou trair um Deus!

Falai-me de Jesus e seus martírios,
Do seu último gesto de perdão,
Ó águas do Jordão,
Ó urzes do Calvário, ó roxos lírios...

XVIII - AO PÉ DA LUZ

Subimos o montículo da Vida...
Somos chegados. Paremos.
Descubri-vos, rapazes, e ajoelhemos
Ante a Cruz além erguida...

Envolta numa auréola luminosa,
No topo da existência, ergue-se a Cruz:
— Tribuna inigualável, majestosa,
De onde nos fala Jesus...

Cercam-na as almas místicas dos crentes
Num círculo de prantos e orações;

Sobre as rosas astrais dos corações
Vêm os anjos curvar-se reverentes...

Corações, que são rosas redolentes
Abertas nos jardins das solidões,
Sob o influxo das doces radiações
Dos olhos de Jesus meigos e ardentes.

Ó santas almas bem-aventuradas,
Aos pés chagosos de Jesus prostradas,
Dai-me um lugar humilde ao vosso lado...

Ando a correr a via dolorosa
Do mundo, deste mundo desgraçado,
Que me tortura a alma suspirosa...

Rapazes! Que encontrastes vós no mundo,
Senão desgostos, lágrimas, saudade?...

Há um cancro antiqüíssimo e profundo.
Que rói a Humanidade...

Esse cancro nojento, pustuloso,
Esse herpe roedor e mal curado,
De onde escorre um pus negro, venenoso,
— É o cancro do Pecado!

Esse cancro maldito dá vertigens!
Alastra pela praça, pelos lares;
Corrói as carnes lácteas das virgens,
E cria os lupanares!

Agacha-se nos leitos conjugais;
E açulando odientos vitupérios,
Desvaira, cega, os corações leais
E faz os adultérios!

Desenvolvendo instintos de cobiça,
Instintos indomáveis, maus, ferinos,
Reprime e calca o Bem, cega a Justiça,
E forma os assassinos!

Desvaira as corrompidas gerações,
E, derrancando ódios pelas terras,
Lança os povos nas bruscas sedições:
Fomenta e acende as guerras!

Cancro que é o Mal, é o vício, é o ódio, é o fel,
Fervendo sob o disco azul dos céus...
É o filho predileto de Lusbel,
De garras encrespadas contra Deus!

Dele nasce este pélago de dores,
Este indeciso mal-estar geral,
Que os mil e um profanos pensadores
Hão designado — *Dor Universal!*...

Ninguém acha o remédio, ó Deus, ninguém!

.....

Ó meus amigos, ajoelhai e ouvi:
Remédio deste mal só Deus o tem...
Olhai a Cruz, olhai... — Reside ali.

Ali, naquele Cristo ensanguentado,
De chagas rubras como rosas vivas,
Erguendo ao alto o rosto escalavrado,
Lançando aos homens vistas compassivas...

Ali, naquele Cristo moribundo,
Pregado nos braços daquela Cruz,
Abrindo o coração sangrento ao mundo,
Em labaredas místicas de luz...

Ali, naquele Cristo de olhos virgens
Fitos nos longes verdes da devesa
Mergulhada nas hórridas caligens
Da formidável dor da Natureza...

Ó pombas de Belém, voai em bando...
Espedai os corações de dor
Á vista do mistério formidando
Da morte do Senhor!
Ó pombas de Belém, voai em bando...

Chorai, ó violetas de Jessé;
Chorai, ó madressilvas, ó martírios;
Chorai, ó roseirais de Nazaré;
Chorai, ó palmeirais; chorai, ó lírios!
Chorai, ó violetas de Jessé...

Chorai, ó almas bíblicas, antigas...
Ó sombras dos Juízes, dos Profetas;
Ó noivas a cismar entre as espigas,
Pisando as relvas verdes e as violetas!
Chorai, ó almas bíblicas, antigas...

Eu queria soluçar em verso brando
O martírio sem nome, formidando,
Do bom Jesus, — do Deus e Senhor nosso...
Para chorar suplicio tão ferino
Eu queria ter um estro ideal, divino...
Queria... Mas não posso!

XIX - ORAÇÃO

Já que atingimos a mansão da Luz,
Prostremo-nos a orar ante Jesus...

Ó Criador das estrelas,
Que fulgem p'lo céu além!
Fizeste coisas tão belas,
— Faze-nos santos também...

Indescritíveis torturas
Lancinam os corações!
Pois estes são sepulturas
De mil mortas ilusões...

Tuas bênçãos perfumadas
São para os nossos martírios
Qual rocio das alvoradas
P'rás urnas roxas dos lírios...

Minha pobre alma de poeta
A Ti se acolhe, Jesus...
Como airada borboleta,
Fujo das Trevas prá Luz...

Das tuas chagas, meu Bem,
Pende a minha imensa esp'rança,
Como de uns beijos de mãe
Pende a vida da criança...

Há uma dor infinita
Na alma da Humanidade:
Pois o mundo hoje gravita
Entre a dor e a impiedade!...

Quem pudera, oh! — quem pudera,
Sob o céu azul, profundo,
Ver florir a primavera
Da crença geral no mundo...

Faze Tu, ó Deus clemente,
(Basta só um teu olhar...)
De cada homem um crente,
De cada peito um altar...

Pois não fizeste as estrelas,
Que palpitam, céu além?...
Se fazes coisas tão belas,
Faze-nos santos também...

XX - EM PAZ...

E tu, ó meu bom amigo
Das agras lides do estudo,
Foste em busca de outro abrigo
— Para ti findou-se tudo!

Finda-se tudo no mundo
P'rás almas santas, louçãs,
Que ao Mistério azul, profundo,
Vão pedir outras manhãs...

Fugiste da noite escura
Prá célica luz vivaz!

Descansa na sepultura,
Amigo, descansa em paz.

Olha as folhas a cair
Dos carvalhos desolados:
Vai a Natura dormir
Sob os gelos branqueados...

Pelas noites de inverneira
Hás de ouvir, na terra fria,
Os mugidos de agonia,
Que soluça a ventaneira...

E em noites de serenada.
As humanas ilusões
Hão de cantar á toada
Dos bandolins e violões...

Como leite a flutuar
No sono doce das coisas,
Cairá brando o luar
Sobre a tristeza das lousas...

Ouvirás ao longe o brado
Das serranilhas cantadas
No luar de algum eirado,
Ao chorar das guitarradas...

É o sonho da vida airada,
O brando sonho fugaz...
Mas tu, ó meu camarada,
Deixa-os lá... — Descansa em paz!